

## AGRONEGÓCIO, JUROS, CÂMBIO, FUTUROS

**\* Roberto Rodrigues**

Desde os tempos mais antigos todo bom fazendeiro desconfia de profecias sobre preços e safras, por um motivo muito simples: se a taxa de acerto fosse alta, não haveria profeta pobre. Mesmo assim, os agricultores sintonizam com o futuro, de uma forma ou de outra. Os egípcios, que foram grandes astrônomos, calculavam com precisão as cheias do Nilo para programar o plantio quando o rio recuava, depois de fertilizar as terras.

Profecias na agricultura brasileira sempre foram muito difíceis de fazer, pois com inflação alta, a visibilidade do preço futuro era quase nula. Isso explica porque muitas das nossas mais importantes matérias-primas tinham o preço cotado em dólar. Sabíamos mais sobre o preço futuro do café em Nova Iorque do que sobre o preço futuro do café na Mogiana.

Com a estabilidade econômica os costumes estão mudando. As empresas que lideram o agronegócio já operam, há algum tempo, com as tecnologias mais modernas de proteção contra a chamada “volatilidade” dos preços futuros. Em outras palavras, acompanham atentamente a gangorra que caracteriza os mercados de matérias-primas em geral.

Por exemplo: com a corrida para a produção de etanol de milho, as cotações dessa “commodity” negociada na bolsa de Chicago valorizaram 79% entre agosto e dezembro do ano passado. No entanto, essa valorização não foi linear. Entre junho e julho do mesmo ano as cotações do contrato de milho caíram 23%.

Que conclusões podemos tirar daí? Primeiro, o óbvio: antes tínhamos milho ou cana de um lado e, do outro, petróleo e seus derivados. Os mercados de energia e alimentos só se comunicavam diretamente à medida que a energia influía no custo de transportes ou, indiretamente, em outros custos. Agora o nome do jogo mudou: temos agroenergia, biocombustíveis e coisas do gênero fluindo em vasos comunicantes, ou em carros flex.

A interatividade obrigará o agronegócio a trabalhar em sintonia fina com os preços futuros de energia, câmbio e juros, pois tudo faz parte da mesma equação. Entre dezembro de 2006 e dezembro do ano passado o preço do petróleo subiu 89,8%. Nas últimas semanas caiu cerca de 4%. Entre Janeiro de 2007 e janeiro de 2008 a cotação do euro variou 11,7% em dólar. E o dólar diante do real, por sua vez, variou cerca de 16,4%.

Para ficar nesse mercado “volátil” as empresas do agronegócio terão de aumentar a eficiência no gerenciamento do fluxo de caixa. Terão, também, de trabalhar com o conceito de margem de lucro coberta, deixando de especular com preços e estoques.

A profissionalização do gerenciamento de caixa no agronegócio é uma tendência universal. A procura de novos instrumentos de gerenciamento de risco coincide com a fusão de bolsas em redor do mundo. Hoje, cinco grandes conglomerados respondem por cerca de 80% do mercado de derivativos, e

nesse círculo encontram-se os contratos futuros de café, soja, milho, carne, etanol, câmbio, juros e outras commodities.

Tudo indica que a convergência das bolsas ainda não acabou.

O anúncio recente da negociação entre a Chicago Merc (maior bolsa do mundo) e a NYMEX (bolsa de petróleo de Nova Iorque) mostra que essa tendência de integração de mercados é irreversível. A BM&F anunciou recentemente uma parceria com a Chicago Merc, indicando que teremos em breve um mercado de commodities e energia bastante integrado, com plataformas eletrônicas globais disponíveis para o complexo de soja, milho, etanol e outros produtos.

Evidentemente os mercados futuros não resolvem todos os problemas do produtor ou do trader. Seca ou chuva demais sempre podem acontecer na nossa horta. Logística, seguro rural e crédito também são necessários. Ou embargos, como o da carne.

Isso não significa que podemos dispensar o que já está funcionando no mercado para operações de hedge, ou cobertura. Muita coisa mudou com a desmutualização das bolsas. Antecipando a concorrência global, várias Corretoras conseguiram selos de programas de qualificação operacional para derivativos. Perguntar sobre esses selos não ofende.

Uma boa brokeragem pode resolver certos problemas técnicos, como a administração de depósitos de garantia (margens) e outros que são exigidos nos mercados futuros. O Banco do Brasil deu alguns passos para facilitar o uso dos contratos futuros e outros bancos começaram a descobrir que a Mesopotâmia está mudando de lugar no mapa e na história da humanidade. O futuro é o Brasil. Logo aí...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**